

ESTUDAR EM PORTUGAL: UMA IMERSÃO CIENTÍFICA E HISTÓRICO-CULTURAL

Camila Elizandra Rossi

Quando levei meu filho para Lisboa, não imaginava o quanto de história das navegações e do descobrimento das Américas ele aprenderia. Na verdade, só pude constatar isso ao retornarmos ao Brasil. Ficamos quatro meses e meio em Lisboa, por isso o ano letivo dele não foi finalizado nem no Brasil, nem em Portugal. Dessa forma, optamos por estudar os conteúdos do ano letivo que ficaram incompletos no Brasil para ele poder fazer as provas e concluí-lo. Como a tarefa era árdua (estudar conteúdos de três meses e meio não finalizados no Brasil), ajudei-o com os conteúdos do 7º ano escolar do Ensino Fundamental.

É fato que estar em Lisboa, para mim, foi essencial para o meu projeto de tese, mas o aprendizado cultural e histórico também teve inestimável valor. Voltar para casa e ver no livro didático do 7º ano fotos de locais onde tínhamos estado, meu filho e eu, foi não somente surpreendente, mas a concretização da impressão de que tínhamos aprendido história *in loco*, ao vivo e em cores reais.

Imagine você ver no livro didático de seu filho a foto da Igreja de Santa Maria de Belém e o texto dizendo que o túmulo de Fernando Pessoa estava lá, quando, na verdade, nós vimos o túmulo do escritor dentro do Mosteiro

dos Jerônimos. Claro que o mosteiro e a igreja são anexos da mesma estrutura predial incrível, de arquitetura manuelina, mas contra fatos não há argumentos: o túmulo está no corredor do mosteiro e não na entrada da igreja, onde, de fato, estão os túmulos de outros ilustres portugueses, como Luís de Camões e Vasco da Gama.

Imagine você lendo com seu filho o conteúdo didático do Brasil sobre o local de onde saíram as embarcações portuguesas para fazer comércio com as Índias e então você passeia na Ribeira das Naus, em frente à Praça do Comércio. Lá onde as especiarias chegavam para ser comercializadas.

Imagine você estudando sobre o Marquês de Pombal depois de ter ido visitar o Museu da Cidade, alocado no Palácio Pimenta. As fotos do Marquês no seu livro didático não suprem jamais a experiência de ter conversado com o cuidador do museu, o qual contou pormenores das relações pessoais de Pombal na época em que ele planejou a reconstrução de Lisboa.

Desculpem-me os historiadores, sou da área da Saúde e fiz doutorado sanduíche em Geografia da Saúde, então entendo pouco de História. É possível que eu esteja errando ao contar o que aprendi em Lisboa sobre a história das colonizações. Apesar disso, o pouco que acho que aprendi foi de grande valia. Talvez meu filho ainda não perceba o quanto aprendeu, mas eu jamais me esquecerei dessa experiência, que só uma oportunidade incrível como essa pode proporcionar.

Obrigada ao governo brasileiro e aos idealizadores do doutorado sanduíche. Vocês nos ajudaram a ser mais cidadãos brasileiros do que já éramos. Vocês ajudaram a me incentivar ainda mais a desempenhar minhas atividades acadêmicas. Quem sabe, um dia, eu ajudarei outros estudantes a terem a mesma grande oportunidade que tive.

“Um viva à imersão científico-cultural que o doutorado sanduíche proporciona aos pós-graduandos brasileiros! VIVA!”